

Apoio cultural Prefeitura do Rio

A morte do caixeiro viajante

A obra-prima
de Arthur Miller



Marco
Nanini e
Juliana
Carneiro
da Cunha

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Caio de Andrade
Claudia Jimenez
Esther Jablonski
Ítalo Rossi
Raul Gazolla
Selton Mello

ANO IV Nº 51
EXEMPLAR
GRATUITO



No Centro Cultural Banco do Brasil, a arte se expressa no rosto de quem a vê. São exposições, peças de teatro, cinema e vídeo, música, palestras e programas educativos que fazem você inspirar cultura e expirar emoção. Isso porque o CCBB não abre mão de trazer a mais variada programação, com qualidade e acessível a todos. cultura-e.com.br



bastidores

Sopa de ervilha e disciplina

“O meu primeiro trabalho profissional foi em 1978, com a *Ópera do Malandro*. Trabalhei, logo de cara, com a Marieta Severo, o Otávio Augusto, o Ari Fontoura... Tive muita sorte. A primeira música que cantei, profissionalmente, foi de Chico Buarque. A música era *Ai, se eles me pegam agora*, um fox-trote que dizia “ai, se mamãe me pega agora, de anágua e combinação, será que me leva embora ou não...”

Foi tudo muito lindo! Mas aconteceu uma coisa muito engraçada. O Luis Antonio Martinez, o diretor, era muito moderno. Um dia ele propôs um laboratório onde as prostitutas teriam de ficar nuas, para a cafetina olhar se elas poderiam trabalhar ou não no bordel. Eu fazia o papel de uma delas. Acabei fugindo para o camarim da Marieta chorando e disse que, se ser atriz fosse aquilo, eu não era uma. Ela me defendeu, bancou a mãezona e falou que eu não precisava fazer aquilo para me tornar uma atriz. Eu só tinha dezessete anos. No meu tempo, ter dezessete anos era ser de uma ingenuidade pura...

O interessante é que eu estava ensaiando, desde o início, para fazer a personagem mais experiente das prostitutas. Eu tinha vinte quilos a mais e era grandona, então conseguia parecer uma mulher mais velha em cena, mais poderosa. Só que, certo dia, o Chico Buarque estava na plateia e falou que eu era a Mimi Bibelô, uma personagem que mexia com a fantasia dos homens, porque representava a coisa da virgindade, da ingenuidade, da fragilidade. Acabei trocando de personagem já chegando perto da estréia.

Daqueles tempos, há muitas boas lembranças — eu gostava muito da sopa de ervilha que a camareira Sonia servia entre uma sessão e outra! E, acima de tudo, até hoje procuro me lembrar da disciplina que a Marieta tinha. E que nesses anos todos, tento imitá-la.”



Claudia Jimenez, atualmente na peça *Batalha de Arroz Num Ringue Para Dois*

Resgatando a história

Conhecido por encarnar tipos históricos, o ator John Vaz está no Teatro Museu da República até o dia 31 de agosto com a peça *Chico Mendes* — e não pretende parar por aí. Seu sucesso nos palcos cariocas começou em 2001, com *Che Guevara*, que ficou sete meses em cartaz. Depois foi a vez de *JK*. Agora, do seringueiro assassinado há 15 anos. Empolgado com a atração que exerce com seus monólogos, John Vaz — que também é coordenador do teatro — acaba de fechar a agenda para 2004. O ano começará com a montagem do infantil *Marx para Crianças*. Em abril, será a vez do monólogo *João Goulart*. E em agosto, *Getúlio*. Encerrando o segundo semestre, o ator pretende levar aos palcos um projeto ainda mais ambicioso: uma peça sobre a Guerrilha do Araguaia.

Teatro democrático

Novidade para os apaixonados pelo teatro: a Sala Paraíso do Teatro Carlos Gomes acaba de abrir o *Estúdio de Criação Dramatúrgica*, com programação dedicada exclusivamente à nova dramaturgia brasileira. O projeto conta com quatro workshops ministrados por João Bethencourt (julho), Bosco Brasil (agosto e outubro) e Lauro César Muniz (setembro). Também a abertura do Banco de Textos — um acervo com 370 obras de autores contemporâneos que poderão ser lidos no local e copiados em disquete ou xerox. E ainda a publicação de quatro Cadernos de Dramaturgia. O patrocínio é da Prefeitura do Rio e da RioArte. O Banco de Textos abre apenas nas terças e quintas-feiras, das 14 às 17 horas. Mais informações pelo e-mail: pagucom@montreal.com.br.

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Mês de agosto. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gb.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Janaína Medeiros e Simone Melamed (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Agosto/2003. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: divulgação.

Selton Mello

Uma nova dimensão do teatro



"A paixão pela atuação é o que move as minhas escolhas", diz Selton Mello.

Estou em cartaz, em São Paulo, com o espetáculo *Zastrozzi*, do canadense George Walker. Além de estar em cena, a peça também marca a minha estréia na direção. Eu já conhecia esse texto há dez anos, cheguei até a ensaiá-lo em 1993, mas a montagem, por vários motivos, acabou não saindo naquela época. E fui retomá-la dez anos depois.

A intimidade com o texto me encorajou a experimentar a direção. Convidei o diretor de teatro Daniel Herz — que descobriu o texto junto com o Antonio Monteiro Guimarães, e estava também envolvido no projeto desde o início —, e nos aventuramos numa direção em dupla.

A concepção da peça foi pensada por nós dois, com o auxílio luxuoso de um elenco inteligente e disposto a experimentar. E a ex-

periência como diretor, me deu, por exemplo, uma dimensão incrível sobre a engrenagem técnica do teatro: iluminação, trilha sonora, marcação de cena... Coisas que eu já tinha intuitivamente, mas depois dessa montagem tenho de forma bem mais concreta.

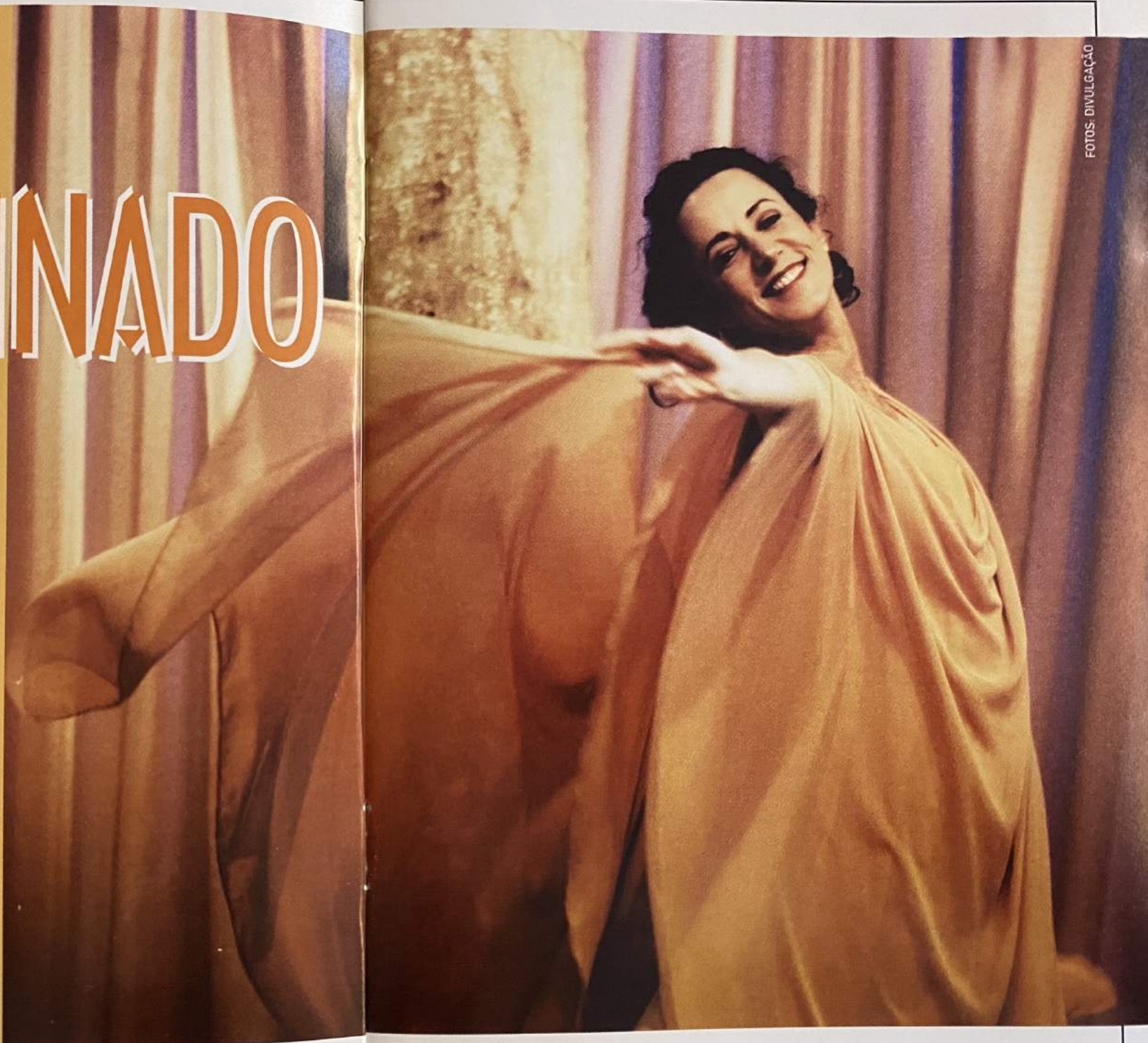
Agora, quando leio um texto, penso sempre nas duas funções, como ator e diretor. É o início de uma nova fase. Estou lendo algumas peças, que pretendo produzir no ano que vem. Eu sou um ator, basicamente, e a paixão pela atuação é o que move as minhas escolhas. Mas é bem possível que eu volte a dirigir mais vezes. Foi uma experiência enriquecedora!"

DESERTO ILUMINADO

Um trio inusitado reabre o Teatro I do CCBB: a bailarina Isadora Duncan, o cronista João do Rio e Ipanema do início do século 20.

Por Simone Melamed

Os passos coreográficos da bailarina Isadora Duncan vão cruzar o caminho do corrosivo cronista João do Rio a partir do próximo dia 17 de julho, na reinauguração do Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil. Na peça *Deserto Iluminado*, do dramaturgo Caio de Andrade, as duas personalidades históricas fazem um *pas-de-deux* imaginário, revolucionando a cena carioca



FOTOS: DIVULGAÇÃO

do início do século passado e mexendo com valores e desejos de outros tantos personagens fictícios.

Tudo começou quando o autor pesquisava sobre a vida do criador da crônica social moderna e descobriu que João do Rio havia se encontrado com a célebre dançarina americana. “Imaginei o que significaria, para a sociedade burguesa da época, a presença de pessoas tão transformadoras, e como a vida de um casal comum poderia ser influenciada por isso”, conta Caio. A partir daí, foi criada uma trama que mistura ficção e realidade, tendo como cenário a Ipanema do início do século vinte. “A peça não fala do encontro, mas parte dele para falar da transformação da vida através da arte, já que os dois usaram a própria arte para sobreviver”, explica o

autor e também diretor da peça.

Em cena, um jovem e aristocrático casal (vivido por Roberto Bomtempo e Larissa Bracher) tem o seu cotidiano virado às avessas ao se envolver com uma triade de libertários: o festejado jornalista (Xando Graça), um misterioso artista plástico sérvio (Leonardo Bricio) e aquela que revolucionou os conceitos da dança moderna (Angela Rebello). “A simplicidade e o lado espiritual da Isadora Duncan são desconcertantes. Ela agia por impulso, independentemente dos valores sociais. Tento mostrar a expressividade dela, sem o peso das biografias”, diz a intérprete da dançarina. “Eu não procurei interpretar uma réplica fiel e sim um João meritório, visto pela ótica do Caio, que fez uma verdadeira declaração de amor aos dois”, completa o ator Xando Graça.

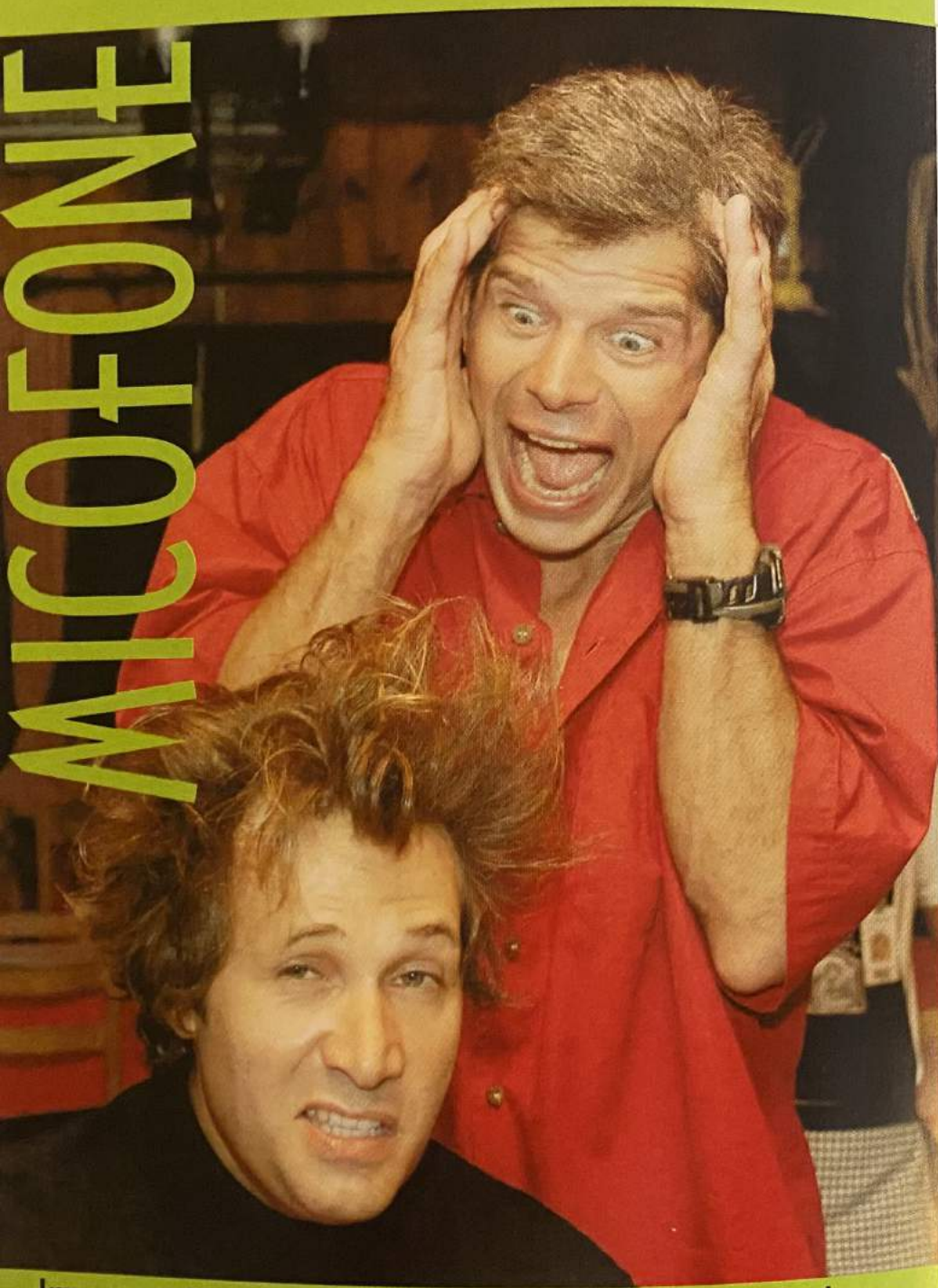


Deusa da arte

Trecho do artigo A divina Isadora, escrito por João do Rio na coluna Pall-Mall-Rio, no jornal O Paiz, em 25 de agosto de 1916.

“Isadora! A divina Isadora!
Que o seu corpo musical seja bendito,
que seus pés de jasmim sejam
sagrados, que as suas mãos de
anêmonas aéreas sejam beijadas.
Ela redimiu o Municipal da
mediocridade, deusa da arte, mulher
som, vôo, sonho, perfeição.”

MICOFONE



Irreverente e divertido, o espetáculo leva piadas, paródias e "causos" para o palco do Espaço Cultural Sérgio Porto.

Por Simone Melamed

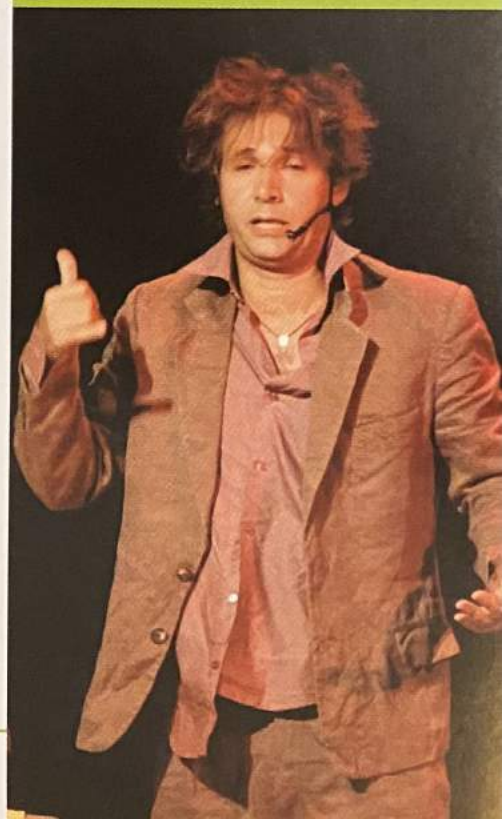
FOTOS: DIVULGAÇÃO

Acompanhando a nova onda de resgate do *stand-up comedy* brasileiro, estréia no dia 18 de julho, no Espaço Cultural Sérgio Porto, o espetáculo *Micofone*, que traz uma compilação de piadas, paródias e causos, interpretados por Raul Gazolla e Néelson Freitas, além de contar com a participação especial de Eugênio Dale.

"Nosso show não tem a pretensão de ser um espetáculo de teatro. Cansados de animar festa de aniversário de cachorro e batizado de boneca, nós resolvemos juntar um monte de piadas de primeira, causos engraçados e paródias musicais para levar a mesa do boteco para cima do palco", diz Néelson Freitas, que também é o produtor do espetáculo.

Os esquetes contam com personagens como caipiras atrapalhados, bêbados inventados e até um pai de santo tarado, dando uma nova roupagem a um estilo que tem como expoentes gente do calibre de Chico Anysio, Jô Soares e Juca Chaves. "O humor vem sofrendo sensíveis transformações ao longo dos anos. Antigamente, se abusava de palavrões e escatologias. Hoje, com a internet e a televisão a cabo, temos acesso a uma coisa mais sutil e inteligente, que acaba estabelecendo um certo refinamento no humor", diz Néelson.

"Micofone é entretenimento garantido para desopilar o fígado com boas gargalhadas e para aliviar esses tempos difíceis. É um verdadeiro pontapé no estresse e no mau humor, porque rir ainda é o melhor remédio!", sentencia Gazolla.





Stand-up comedy à brasileira

Com uma grande tradição nos Estados Unidos e na Inglaterra, o stand-up comedy é um estilo que não usa personagens nem caracterizações, utilizando-se de observações do cotidiano contadas na primeira pessoa. Por aqui, o gênero acabou descambando para a cultura do show solo e para outros tipos de manifestações, como a performance e os monólogos. Mesclando os mais variados formatos, o espetáculo Nós dois e grande elenco, apresentado por Bruno Mazzeo e Duda Ribeiro, também realiza uma verdadeira

jam-session de humor – todas as quartas-feiras, no Mistura Fina – abrindo espaço para novos talentos, sem esquecer de artistas consagrados. “Na verdade, há algum tempo eu tinha vontade de montar um espetáculo para apresentar comediantes no estilo stand-up. E um espetáculo como o nosso funciona melhor numa casa como o Mistura Fina, por causa do seu estilo informal: as pessoas bebem, participam – até por beberem! – e interagem. Em teatro, o espetáculo não pode ter essa informalidade”.

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

**Assinatura
semestral
R\$ 24**

Coleção completa
de Aplauso por R\$ 54!
Edições de 1 a 50

A morte do caixeiro viajante

Sucesso mundial de Arthur Miller ganha sua terceira montagem no Rio. No elenco, Marco Nanini e Juliana Carneiro da Cunha.

Por Janaína Medeiros



A tragédia de um homem que deu sua vida ou a vendeu". Assim o dramaturgo americano Arthur Miller definiu seu clássico *A Morte do Caixeiro Viajante*, de 1949. Uma das histórias mais encenadas no mundo, a peça terá sua terceira montagem carioca com um time de primeira: direção de Felipe Hirsch, cenários de Daniela Thomas e elenco liderado por Marco Nanini e Juliana Carneiro da Cunha.

"Estou muito emocionado, é um momento histórico do teatro brasileiro. A importância de ter Nanini e Juliana no palco encenando esse texto do Arthur Miller é uma oportunidade única", conta o diretor Felipe Hirsch, que conseguiu

reunir sua equipe de confiança e mais 13 atores para realizar um antigo e ambicioso sonho. "É a primeira vez que junto toda a equipe que considero perfeita", diz orgulhoso do novo trabalho.

E não é para menos. Trata-se de uma rara superprodução no teatro carioca. Produzida por Fernando Libonati e Marco Nanini, *A Morte do Caixeiro Viajante* terá curta temporada no Rio (de 07 a 31 de julho no Teatro João Caetano) devido ao custo elevado da montagem – cerca de R\$ 1 milhão. "É um espetáculo muito grande, muito difícil. Só tivemos um patrocínio, o da Petrobrás. Mas como é uma peça importante, resolvemos arcar com os custos e ver no que vai dar",



"É a primeira vez que junto toda a equipe que considero perfeita." Felipe Hirsch

comenta Nanini, lamentando não poder ficar mais tempo em cartaz.

Sonho americano

Com mais de 11 milhões de cópias vendidas em todo o mundo, vencedora do Prêmio Pulitzer, a peça conta a história de Willy Loman (Marco Nanini) que, aos 63 anos, se dá conta do seu fracasso como pai, marido e profissional. Após muitos anos na estrada como caixeiro viajante, ele fica ainda mais frustrado ao ver que seus filhos Happy (Gabriel Braga Nunes) e Biff (Guilherme Weber) também não deram certo. E, na medida em que sua carreira vai declinando, Willy escapa para re-

miniscências de um passado idealizado.

Nessa desilusão com o sonho americano, Willy é amparado pela esposa, Linda (Juliana Carneiro da Cunha). Prematuramente senil, Willy é demitido do emprego a que dedicou toda sua vida e passa a viver de favores do seu velho amigo Charley (Francisco Milani). Enquanto Willy vive em função de seus dois filhos, Charley mostra pouco interesse pelo herdeiro, Bernard (Pedro Brício). E Willy leva mais um choque ao perceber que Biff se tornou um desempregado cleptomaniaco e Happy um conquistador cínico – já Bernard, ironicamente, acaba virando um importante advogado.



Casamento histórico

De volta aos palcos brasileiros, Juliana Carneiro da Cunha está à vontade no difícil papel de mãe e esposa de uma família derrotada. “A Linda é basicamente uma mãe. Sempre fiz muitas mães e esta é mais nórdica que mediterrânea. Ela tem uma relação muito forte com o marido e é até maternal com ele. Mas, apesar de muito presente, ela é muito silenciosa também”, define a atriz, que mora na França há 15 anos e faz parte da companhia do *Théâtre du Soleil*.

A primeira e única peça de Juliana com texto em português foi *Mão na Luva*, dirigida por Aderbal Freire Filho há quase 20 anos, em que atuou com Marco Nanini. Desde então, os atores criaram uma

amizade que não ficou abalada nem pela distância. “Nós realmente formamos um par e começamos um ‘namoro’ desde *Mão na Luva*. Tinha muita vontade de voltar a trabalhar com ele, só não sabia como. Mas ele teve muita delicadeza para esperar o meu tempo de voltar e não me exigiu nada”, comenta Juliana, que veio para o Brasil especialmente para atuar na peça e retorna à Europa em dezembro.

“Estou muito contente que a Juliana tenha vindo porque esse papel exige uma sensibilidade e um domínio técnico que só ela tem. Só me via fazendo a peça ao lado dela. Fiquei mais de um ano tentando seduzi-la. Nem acreditei quando ela me disse que viria. Não acredito até hoje quando olho para o lado e a vejo aqui”, diz ele.

“A tragédia de um homem que deu sua vida ou a vendeu” Arthur Miller



Os 3 Willy

A primeira montagem de *A Morte do Caixeiro Viajante* no Rio foi em 1950, com Jayme Costa, apenas um ano depois de ser lançada nos Estados Unidos.

A segunda só aconteceu em 1977, com Paulo Autran. Segundo Nanini, o terceiro Willy Loman no Rio, um dos motivos que faz a peça sobreviver à idade é o tema universal. “Ela fala de um cidadão mais velho tentando sobreviver dentro de uma sociedade consumista. Vai continuar sempre atual”, opina o ator, que está prestes a completar 40 anos de teatro e é dirigido pela segunda vez por Hirsch – a primeira aconteceu no ano passado, em *Os Solitários*.



A ESPERA

Ator faz um teste e fica preso num apartamento, esperando um telefonema que nunca acontece. A partir daí, acontecem inúmeras situações tragicômicas. Texto: Fernando Paiva. Direção: Cininha de Paula. Com Luiz Carlos Tourinho. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20.

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

Terceira montagem carioca do clássico de Arthur Miller, que acompanha o confronto de um homem diante de seus fracassos como pai, marido e profissional. Direção: Felipe Hirsh. Com Marco Nanini, Juliana Carneiro da Cunha, Gabriel Braga Nunes. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-1223. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 17h. De R\$15 a R\$30. A partir de 8 de agosto.

A PEÇA SOBRE O BEBÊ

Um jogo psicológico, oscilando entre a realidade e a fantasia, une as quatro personagens da peça: dois jovens apaixonados e um casal maduro. Texto de Edward Albee. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Reynaldo Gianecchini, Marília Gabriela, Simone Spoladore e Ewerton de Castro. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea).

Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui.), R\$35 (sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

A SAGA DA SENHORA CAFÉ

Texto de Heloísa Perissé sobre uma rica senhora cujo marido é assassinado em sua própria casa. Direção de Marília Pêra. Elenco: Ilvio Amaral, Sandra Pêra, Ricardo Graça Mello, Bruno Faria. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 30h. R\$20 (qui.), R\$35 (sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

BATALHA DE ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS

Comédia de Mauro Rasi escrita especialmente para Cláudia Jimenez e Miguel Falabella, falando dos caminhos e descaminhos do casamento. Direção de Miguel Falabella. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h e 20h. R\$30 (qui. e sex.) e R\$40 (sáb. e dom.).

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Um banqueiro, seu assessor e sua cunhada planejam uma fuga após um imenso golpe financeiro. Texto: Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa. Elenco: José Wilker, Ney Latorraca, Natália do Valle. **Teatro Clara Nunes**

(Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Dom, 20h. R\$30 (qui, sex e dom) e R\$40 (sáb.).

COMUNITÀ

Musical de Cláudio Magnavita inspirado na saga nos imigrantes italianos no Rio de Janeiro. Direção de Pedro Pires. Elenco: Augusto Bittencourt, Beto Serrador, Bruno Lopes. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. R\$40.

DESERTO ILUMINADO

Um triângulo amoroso agita a sociedade carioca do início do século XX. Texto e direção: Caio de Andrade. Elenco: Leonardo Brício, Roberto Bomtempo, Xando Graça. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h30. R\$10.

ENCONTRO COM CLARICE

Representação cênica de quatro contos de Clarice Lispector. Direção: Ítalo Rossi. Com Esther Jablonski. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. De 18 a 27/7, 30 e 31/7 e 6 e 7/8. Quarta e quinta, 19h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h.

FAUSTO

Baseado no livro de Goethe, conta a história do homem que negocia sua alma com o diabo em troca de favores em vida. Direção de Moacir Chaves. Com Gabriel Braga Nunes e Fernando Eiras. **Teatro do Planetário/Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. De 22 a 27 de julho. De terça a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

FEROCIDADE

A inserção na realidade atual do clássico Macbeth, de William Shakespeare, através de uma lente urbana e contemporânea. Texto e direção de Celina Sodré. Com Teresa Seiblitiz, Marcelo Olinto, Miguel Lunardi e outros. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h30. R\$10 e R\$5 (meia). A partir de 24 de julho.

FICA COMBINADO ASSIM

De Consuelo de Catro, sobre um engenheiro que abandonou seus sonhos, destruiu os da família, mas encontra um meio de ser feliz novamente. Direção de Tina Ferreira com supervisão geral de Bibi Ferreira. Com Herval Rossano e Laura Proença. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3555, Barra Square). Fone:

3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$25 (qui.), R\$30 (sex. e dom.) e R\$35 (sáb.).

INTIMIDADE INDECENTE

Texto de Leilah Assumpção sobre os encontros e desencontros de uma casal dos 50 aos 80 anos. Direção de Regina Galdino. Com Irene Ravache e Marcos Caruso. **Teatro Maison de France** (Av. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta, sexta e sábado, 21h. Dom, 17h e 19h. R\$40 (qui., sex. e dom.) e R\$50 (sáb.). Maiores de 65 anos pagam meia entrada (qui., sex. e dom.). Até 27 de julho.

MEDÉIA

Inspirado no texto original de Eurípedes. A vingança de uma mulher preterida pelo marido, que escolhe nova esposa. Direção de Antonio Guedes. Elenco: Cybele Jácome, Alesandre Dantas, Luiza Baratz. **Teatro Planetário/Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Dias 13, 15, 18, 19 e 20 de julho. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

MICOFONE

Nos moldes do *stand-up comedy*, o espetáculo é uma coletânea de piadas, paródias e interpretações. Elenco: Raul Gazolla, Néelson Freitas e Eu-

gênio Dale. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Botafogo). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, meia-noite. R\$15.

NÓS DOIS E GRANDE ELENCO

Jam-session de humor com Bruno Mazzeo, Duda Ribeiro e convidados. **Mistura Fina** (Av. Borges de Medeiros, 3.207, Lagoa). Fone: 2537-2844. Quarta, 21h. R\$20.

O CARA QUE DANÇOU COMIGO

Texto de Mário Bortolotto sobre uma fotógrafa que descobre ter um louco como vizinho e com quem tem uma relação de amor e ódio. Direção de Michel Bercovitch. Com Emilio Orciolo Neto e Cíntia Falabella. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dummont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15.

O DIA DO REDENTOR

Fantasia teatral de Bosco Brasil sobre os operários que construíram o Cristo Redentor. Direção de Ariela Goldman. Elenco: Otávio Augusto, Pedro Osório, Henrique Pinho, Pedro Garcia. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. A partir de 31 de julho.

O DIA EM QUE JOHN LENNON MORREU

Texto de Ricardo Linhares contando a história de uma família carioca nas

décadas de 60, 70 e 80. Direção de Rogério Fabiano. Com Mariana Hein, Sérgio Abreu, Joana Limaverde. **Espaço 3 do Teatro Villa Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui., sex. e dom.) e R\$25 (sáb.).

O KARMA COR-DE-ROSA

Último texto de Vicente Pereira, em que ele diseca de forma corrosiva a família brasileira. Direção de Marcus Alvisi. Elenco: Sylvia Bandeira, Rubens Araújo, Eriberto Leão, Talita de Castro e Marcus Alvisi (ou João Camargo). **Teatro Villa Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui., sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

O REI DOS ESCOMBROS

Desempregado, cheio de dívidas e abandonado pela mulher, ator pensa em suicídio. Texto: Mauro Sta. Cecília, Ana Paula Maia e Ricardo Petraglia. Direção: Moacir Chaves. Com Ricardo Petraglia. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4166. De quinta a domingo, 19h30. R\$ 15 (qui., sex. e dom.) e R\$20 (sáb.).

OS MONÓLOGOS DA VAGINA

Há três anos em cartaz, com texto de Eve Ensler, o espetáculo volta ao Rio

narrando a experiência de mulheres de várias partes do mundo. Direção de Miguel Falabella. Elenco: Cissa Guimarães, Vera Setta e Totia Meirelles. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$20 e R\$30 (qui.), R\$25 e R\$35 (sex. e dom.) e R\$30 e R\$40 (sáb.).

OS PICARETAS (ALEX & PAULO S/A)

Dois marqueteiros fazem a campanha de um falso político e acabam tendo que arcar com as consequências da sua eleição. Texto: Gabriel Gracindo. Direção: Gracindo Jr. Com David Pinheiro. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9797. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$25 (quinta e sexta), R\$ 35 (sáb.) e R\$ 30 (dom.).

OS SETE MINUTOS

Peça de Antonio Fagundes sobre a história de uma companhia teatral, a partir de um celular que toca na platéia. Direção de Bibi Ferreira. Elenco: Antonio Fagundes, Suzy Rêgo, Tácito Rocha e outros. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-1223. De quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$30 (qui., sex. e dom.) e R\$40 (sáb.). Até 27 de julho.

SERGIO 80

Monólogo escrito por Domingos Oliveira para Sérgio Britto, que completa 80 anos de vida e 58 de teatro. O ator revela sua história no teatro e responde, no final, perguntas do público. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20.

SÍNDROMES – LOUCOS COMO NÓS

De Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella, o espetáculo mostra as diversas síndromes de quem vive a louca vida urbana. Encenação e concepção de Beta Leporage. Elenco: Zezé Polessa, Luciana Braga e Miguel Magno. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$30 (qui.), R\$35 (sex. e dom.) e R\$40 (sáb.). Até 31 de julho.

TOQUE-ME

De Mariah Bortolotti. Seis atores fazem 26 personagens carentes de afeto. Direção de Raul Labancca. Elenco: Carla Pompilio, Alessandra Costa, José Magela. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 21h. R\$15. Até 27 de julho.

VENEZA

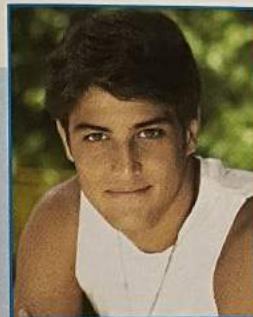
Texto de Jorge Accamme que conta a história da velha e cega dona de um prostíbulo que se recusa a morrer sem antes rever, em Veneza, seu antigo amor. Adaptação e direção de Miguel Falabella. Elenco: Laura Cardoso, Arlete Salles, Tuca Andrada. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui. e sex.), R\$35 (dom.) e R\$40 (sáb.).

VESTIDO DE NOIVA

Clássico de Nelson Rodrigues sobre uma jovem que lembra sua vida enquanto luta para sobreviver após um atropelamento. Direção de Alexandre Mello. Com o Grupo Sarteros. **Teatro do SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Segunda, 19h. R\$10. As sessões são sempre seguidas de debates.

WALK, MEN! – UM MUSICAL CÍNICO

Um office-boy troca, acidentalmente, o envelope que deveria entregar para a namorada de seu chefe. A partir daí, uma série de confusões acontecem, e só ele pode resolver. Texto e direção: Caesar Moura. Com o grupo EU, EU Mesmo & Cia. **Bunker** (Rua Raul Pompéia, 94, Copacabana). Fone: 2521-0367. De sexta a domingo, 21h30. R\$15.

**Os monólogos da vagina**

“Todas as atrizes estão ótimas e o texto é muito engraçado. É bacana ver situações do dia-a-dia no palco. As mulheres se identificam e os homens também, porque sempre conhecem alguma mulher que já passou pela situação delas.”

Alexandre Slaviero, ator

Tio Vânia

“Nunca tinha visto o Diogo Vilela no teatro e fiquei boquiaberta com a força da sua atuação. O cenário é fantástico, aproveitando um lugar lindo como o Parque Lage e integrando-o à história. É ótima a ideia de utilizar espaços alternativos.”

Débora Falabella, atriz

**Sergio 80**

“Amei a peça. É inesquecível cada pedacinho dela. Consegui me emocionar e rir muito ao mesmo tempo. É uma verdadeira declaração de amor ao teatro. Quem é ator sai de lá comovido.”

Pitty Webó, atriz

Veneza

“Fiquei impressionada com o cenário, que é deslumbrante. E a história é uma graça. Adoro a Arlete Salles, mas todo o elenco também é maravilhoso... O Tuca Andrade, a Juliana Baroni, a Laura Cardoso... Quando o público vai embora, leva para casa alguma coisa guardada: a esperança.”

Rafaela Mandelli, atriz



Encontro com



Esther
Jablonski

Clarice

Literatura e teatro misturam-se na representação de quatro contos de Clarice Lispector.

Por Janaína Medeiros

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei". Esta frase de Clarice Lispector bem que poderia ser um convite para o espetáculo que Ítalo Rossi e Esther Ja-

blonski acabam de montar em homenagem à escritora. Apaixonados por literatura, e amigos há 13 anos, os parceiros reuniram seus quatro contos preferidos da autora – extraídos da antologia *O Primeiro Beijo e Outros*

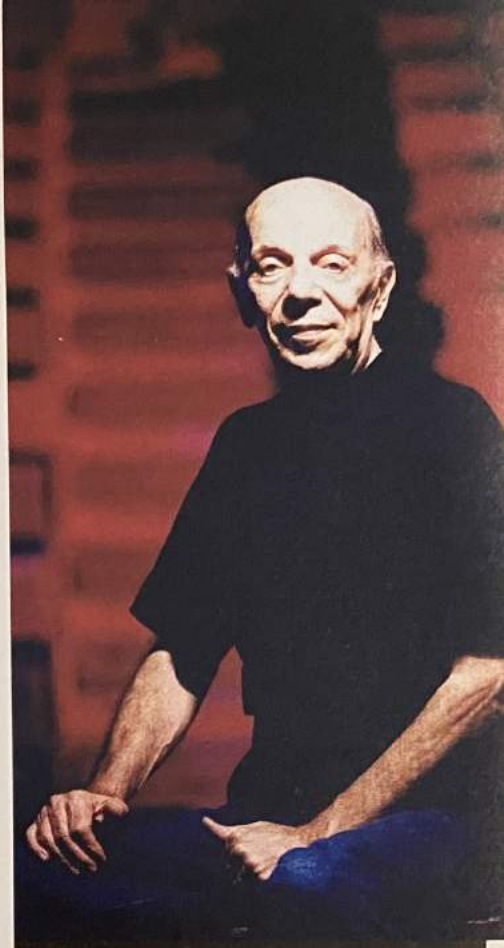
Contos – para fazer uma representação cênica no Teatro do Jockey, o *Encontro com Clarice*.

Serão 10 apresentações até o dia 7 de agosto. Ítalo Rossi dirige o espetáculo e Esther Jablonski faz a leitura dos contos. Com figurino de Beth Filipecki e ambiente cênico de Ítalo, toda a atmosfera da montagem é minimalista para enfatizar a força do texto de Clarice Lispector. "Escolhemos *O Grande Passeio*, *Uma Tarde Plena*, *A Fuga* e *Uma Galinha* porque Ítalo e eu concordamos que são contos de comunicação direta, de alma para alma", comenta a atriz, que completa 20 anos de carreira este ano.

Primeiro de muitos

"Não é uma leitura pura e simples. Trata-se da reunião do teatro com a literatura", explica Esther, cujo projeto com Ítalo Rossi inspirou uma série de encontros no Teatro do Jockey. "A Karen Acioly está administrando o espaço, ficou interessada na nossa proposta e acaba de criar o *Encontro do Teatro com a Literatura*. O nosso espetáculo será apenas o primeiro de uma série que vai se apresentar sempre às quartas-feiras, a partir da última semana de julho", revela.

Antes de seguirem para Belo Horizonte e Porto Alegre com *Encontro com Clarice*, Esther e Ítalo pretendem levar jovens de comunidades carentes do Rio para assistir o espetáculo – estimulando o gosto pela literatura através da obra de Clarice Lispector. "A Clarice é um mundo infindável. Sou apaixonada pela sua obra tanto quanto Ítalo. Não vou dizer que sou mais apaixonada do que ele porque não sei se posso ser mais que ele em nada, nem como fã de Clarice", brinca.



Ítalo diretor

Vencedor quatro vezes do Prêmio Molière (1975, 1985, 1986, 1987) como melhor ator, Ítalo Rossi dirigiu sua primeira peça nos anos 50. Era *O Impetuoso Capitão Tick*, com Raul Cortez no elenco, no Teatro de Arena em São Paulo. Desde então, tem feito poucos trabalhos de direção – porém significativos. "Gosto de me dedicar de corpo e alma. Agora estou comprometido com a Globo, fazendo *Kubanacan* até novembro. Não teria tempo para atuar no teatro, então era a melhor hora para dirigir", explica, incansável aos 72 anos de idade e 46 de carreira.

Brinquedos CANTADOS

Bia Bedran resgata músicas tradicionais do cancionero nacional.

Por Simone Melamed

Qual é a cor do brinquedo com que você mais gosta de brincar? Qual é a cor da história mais bonita de se ouvir e se contar? É com estes versos que Bia Bedran abre seu mais novo espetáculo musical infantil, *Brinquedos Cantados*, que acaba de estrear na Casa de Cultura Laura Alvim. Além de apresentar, ao vivo, as músicas de seu CD homônimo, a contadora de histórias foi buscar no acervo cultural bra-

sileiro folgedos, acalantos e melodias da primeira metade do século passado, que desapareceram do cotidiano das crianças com o passar do tempo.

“O meu trabalho é muito singular, tem uma marca minha. E os pais já o reconhecem. Tenho trinta anos de uma carreira premiada, marcada por pesquisas constantes. Estou sempre atenta ao que as crianças faziam em épocas, por exemplo, em que não havia tele-

visão. Elas brincavam de que?”, pergunta Bia.

As brincadeiras musicais interativas, como *De Abóbora faz Melão* e *Tangolomango*, são alternadas com cenas curtas com bonecos e adereços, que dão vida às canções criadas por Bia especialmente para a peça. “A música é uma coisa muito forte para mim, além de ser uma linguagem que a criança identifica imediatamente. Na nossa pré-estréia fluminense, vi na platéia pais chorando de

emoção. É como se fosse uma nostalgia da verdadeira infância, que anda sendo negada aos seus próprios filhos. O perfil da criança de hoje mudou muito, mas a criança essencial não se perde. Ela mora dentro de cada criança”, diz a contadora de histórias.

Para levar os baixinhos, anote: Casa de Cultura Laura Alvim, avenida Vieira Souto, 176, Ipanema. Fone: 2247-6946. Sessões aos sábados e domingos, às 17 horas.

FEINAM D E R T A
cena aberta



Ítalo Rossi, em A Noite dos Campeões, Teatro Senac, 1975

Criação SEPE/PREFEITURA DO RIO

SÓ UM PROGRAMA MUITO BOM RESISTE A DOVERÕES NO RIO.

Desde que a Prefeitura do Rio lançou o Projeto Lonas Culturais em 1993, elas viraram "point". Cultural e popular. Com programação permanente de teatro, música, bailes, exposições, cursos e oficinas profissionalizantes. Uma idéia tão ousada que recebeu o Prêmio da Comunidade Européia. Hoje, este projeto possui 6 lonas (com perspectiva de mais 4 em breve), reúne 200 mil pessoas e gera 500 eventos por ano. Totalmente administrado e produzido pelas comunidades de Campo Grande, Realengo, Bangu, Guadalupe, Anchieta e Vista Alegre. A temporada das Lonas Culturais já têm 10 anos. E vai continuar para a alegria dos cariocas. Ao contrário de tudo que vira moda e sucesso no Rio.

LONAS CULTURAIS DA PREFEITURA DO RIO. 10 ANOS DE COMPROMISSO COM A CULTURA E A CIDADANIA.



RIO
 **PREFEITURA**
CULTURAS



Admirável Mundo Novo. O Instituto Telemar está ajudando a colocar comunidades no mapa da cidadania e do desenvolvimento social. Com o Instituto Telemar, milhares de pessoas estão descobrindo um mundo repleto de informação e arte, onde o longe não existe mais e o futuro já faz parte da rotina. O Instituto Telemar apóia iniciativas em várias regiões do país e desenvolve projetos próprios, como o Projeto Telemar Educação, as Escolas de Arte e Tecnologia e o Museu das Telecomunicações. Instituto Telemar. Um mundo de cidadania, cultura e desenvolvimento social para milhares de crianças e adolescentes.

